

## A menor das ecologias

[apenas um esboço, nada senão o esboço de um esboço]

Ana Godoy

Habitualmente um esboço é uma espécie de rascunho, caracterizando-se como estudo preliminar para uma obra artística independente do suporte que se viria a utilizar. Considera-se, também, como esboço um desenho rápido, feito com o objetivo de problematizar ou expressar graficamente uma ideia. Deleuze e Guattari em *Mil Platôs* referem-se ao esboço ao comentar o trabalho do matemático Desargues, dentre outros, centrado em torno de problemas-acontecimento. Dirá Deleuze que seria preciso uma monografia que desse conta da situação desse cientista (e de outros) cuja utilização pela ciência de Estado se dá a partir de uma restrição, de um disciplinamento, e de uma repressão de suas concepções sociais e políticas. Um esboço exprime, então, os jogos de força que constituem uma ideia. Dele se dirá que algumas linhas prevalecem enquanto, ao mesmo tempo, outras desaparecem... Para Foucault o esboço concerne àquilo “em que nos vamos tornando, “a esse Outro com o qual coincidimos desde já”<sup>1</sup>, e que ele chamará atual: desenho do que somos e esboço do que estamos em vias de nos tornar..

A decisão, mal anunciada no parágrafo anterior, de propor aqui um esboço [um esboço de um esboço] não diz respeito, como o leitor deve ter percebido, a uma facilidade ou rapidez no modo de apresentação de um tema, de uma pesquisa ou qualquer outra coisa. Ao contrário, ele é a apresentação do processo nem sempre impecável, regular e brilhante no qual somos engajados.

O esboço testemunha, portanto, um procedimento ou, como dizia Van Gogh, “testemunha um modo de registrar as coisas no momento em que elas se produzem”. Para não nos esquecermos de que no esboço interessa o combate, é preciso lembrar-se de Giacometti rasgando incessantemente os esboços que fazia à medida que fazia... Assim, desse ou daquele jeito, um esboço desposa os restos. Fazê-lo, é dar, então e também, uma atenção especial aos restos, aqueles dos textos já escritos, e aos que sequer viraram texto, aqueles outros que poderíamos chamar pedaços, retalhos, cacos disso e daquilo que seguimos juntando aqui e ali; elementos para uma ecologia que chamei, a certa altura, a menor das ecologias.

1 Deleuze, G. O que é um dispositivo?. In: \_\_\_\_\_. *O mistério de Ariana*. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro. Ed. Vega – Passagens . Lisboa, 1996, p. 93.

Talvez, porque seja esta uma ecologia que simpatiza com os restos, com aquilo que não passa e por isso sobra em relação a qualquer coisa que se quer ou pretenda acabada: uma tese, um livro, uma casa, uma carreira, uma vida.

[Caderno marrom, 2010]

Há todo tipo de resto. Há aquele cuja materialidade nos permite mensurar, quantificar, mas há ainda aquele incomensurável [muito embora inseparáveis, são restos cuja natureza difere]. Ambos excedem os esquemas, escapam às contagens e, por tudo isso, o resto é aquilo que não passa. No amplo espectro da ecologia maior o resto deve ser tornado útil, deve participar da contagem contribuindo para o retorno de uma certa “compulsão jurídico administrativa”, seja ela sob a forma de reivindicação moral da comunidade, ou obrigação individual dos cidadãos. Todavia, há sempre o resto que não encontra lugar nos lugares que nos cabe preencher, porque o resto é, de resto, aquilo que resiste às categorias, que trabalha as formas, que excede o presente da necessidade e que põe o lugar sob suspeita. Um resto que desdenha a norma e que, indo de um lugar para outro, não reconhece fronteiras, se junta a isso e aquilo, teimosamente insistindo. Do modo como o tomo aqui, um resto é, sobretudo, um gesto que não coube e que subjaz imperceptível nos convocando a trabalhar aquém das divisões, e das formas pelas quais elas se dão à visibilidade<sup>2</sup>. Um texto, um desenho, uma casa estão sempre em relação com o resto, com um gesto ou conjunto de gestos que os excedem.

Não importa, portanto, quais sejam os elementos – se imagens, palavras, coisas, animais, plantas – diríamos ainda: gentes de toda espécie. O que importa é toma-los a revelia de uma regra das equivalências, que sempre toma as coisas pelo que elas têm de mais estuprificante. Mas, mais ainda, importa toma-los nessa espécie de jogo em que se inventam novas relações no interior de cada elemento. Não que isso seja feito sem alguma hesitação ou indecisão.

.....

Na escrita da tese – a mesma mantida na versão em livro – o procedimento consistia em tomar o termo ecologia (discurso da casa), evidenciando pontos de maior intensidade e de maior tensão política a partir da variação textual e da produção de uma dissociação naquilo que se poderia chamar *tema* (o assunto que se quer desenvolver) e *tese* (*posição*, no sentido das convenções que se estabelecem), fazendo estes últimos incidirem sobre a primeira. Isto porque os modos pelos quais se “estuda a casa” não são indiferentes às convenções que se estabelecem – em relação

---

2 cf. Kastrup, V. *A invenção de si e do mundo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

às quais se delimita a casa, estabelecendo um modo de habitar. *Como fazer* é, portanto, um problema que diz respeito a um *ethos* de pesquisa por meio do qual se põe em jogo as regras que estabelecem uma justa, correta, verdadeira *logia* que determina, por sua vez, a verdade da casa, a casa de todos para todos. Trata-se tanto de um combate político quanto de uma política da experimentação em que tudo é posto a prova, inclusive aquele que escreve. É preciso, então, criar uma abertura, e nela introduzir a casa, e desde a casa, entre o *logos* e a existência, interpelar a vida que a ecologia produz afirmando a(s) ecologia(s) que a vida inventa. A menor das ecologias.

---

## A casa (eco/óikos)

[Caderno preto, 2010]

No pequeno livro *Dos homens e dos animais* o etologista Uexküll diz que, quando se trata de ecologia, gosta-se de pensar a casa a partir daquilo que seria o jardim segundo ele aparece aos nossos olhos. Mais: gosta-se de pensar um jardim que caberia num único golpe de vista como se a imagem totalizante que dele se tem correspondesse, levemente sem dúvida, à suposta existência de um mundo único no qual tudo que vive estaria encerrado. Haveria, assim, como que uma razão que determinaria a totalidade e o padrão das relações entre os organismos e o meio definindo um modo de habitar, definindo uma casa, independente de quem a habita.

Da perspectiva da ecologia a casa é o lugar onde se vive que é, desde sempre, a casa da família. Ela precisa estar arrumada, já que foi feita para estar arrumada. A casa da família é a unidade administrativa cujo círculo ampliado é a cidade, assim a regra da casa torna-se lei, mas também uma ordem imperial. Desmereceríamos imensamente Haeckel se perdêssemos de vista que não há ecologia sem economia, não há administração de relações sem administração dos corpos. Produzir ecologistas e produzir economistas participa do mesmo concurso planetário em que os pequenos planejamentos confundem-se com a planificação da existência, e com a planificação total da Terra, apanhando tudo pela fixação – de metas, de objetivos, de caminhos, de ações calculáveis em nome de um futuro que, evidentemente, se dá a ler nos planos.

Por isso a ideia de trabalhar com tensões na passagem de um arranjo textual para outro. Foram criados trinta arranjos independentes a partir de alguns elementos que se deslocam de um para outro (a casa, a floresta, o selvagem, o inimigo) produzindo uma espécie de ondulação entremeada por movimentos estacionários, elevações bruscas, quedas repentinas, séries difratarias, pequenas discontinuidades até ao ponto de máxima instabilidade. Uma espécie de mar, de mar revolto... Alguns arranjos

foram trabalhados simultaneamente, no entanto não estão próximos uns dos outros. Alguns foram escritos ao contrário: aquilo que se lê ao final era uma primeira frase no começo (às vezes é preciso inventar o modo de chegar até alguma coisa que insistentemente se coloca; outras é preciso inventar o modo de abandoná-la...). Toda uma trama complicada. Como fazer isso sem correr riscos?

---

Apressamo-nos se não fazemos notar que uma ideia de casa traz consigo uma série enlouquecida de ideias mal recobertas pela palavra “arrumação”. Manter a casa arrumada supõe uma ideia de jardim, uma ideia de cozinha, uma ideia de inimigo: um modo de produzir as gentes da mesma espécie...

[Caderno preto, 2010]

No entanto, diríamos que há tantas casas quanto corpos, quanto os modos pelos quais as portas e janelas se encontram com estranhos e inumanos jardins compondo – com os elementos que neles encontram –, um mundo que varia. A casa é antes um modo de habitar, e já agora, indiscernível do corpo, se apresenta sempre em obra, e o jardim infinito que supúnhamos não é mais do que um canteiro cujas tonalidades singulares distinguimos...

---

Deleuze diz coisas lindas sobre o romance policial, e sobre um certo jogo que experimentamos ao lê-lo em torno de um equilíbrio que deve ser perpetuado – e que é o de toda a sociedade – no qual se mostra, se proclama e se nega o que se quer. Um jogo de compensações em que o erro (não importa qual seja) participa da produção do equilíbrio. Quer dizer, o bandido ou o inimigo não escapa aos seus erros... Não que eu tenha tentado fazer um romance policial, ao contrário, era mais ou menos alguma coisa como: “e se a ecologia, o discurso da casa, estivesse às voltas com isso também?” Por que não? Há mil maneiras de reaparelhar o juízo final e com ele o paraíso... Assim, me parece pouco perspicaz considerar pueris o holismo messiânico ou a compulsão jurídica pela comunidade, visto ambos implicarem, necessariamente, uma forma de conceber o mundo e o governo em seu funcionamento. Tansley já o sabia. Comunidade complexa ou orgânica, comunidade biótica, ecossistema seriam, então, noções que exprimiriam certa concepção da relação entre partes e todo, assim como certa compreensão do governo e do mundo com relação aos sistemas de estratificação. Frente a uma sucessão ecológica sempre progressiva e desenvolvente, conduzindo a um clímax que pressuporia uma lei natural em relação a qual o regime de segregação racial encontraria sua própria naturalidade; Tansley enfatizava as disrupções ou as deflexões, isto é o movimento por meio do qual se abandona uma linha que se descrevia, para seguir outra... O embate, na ciência ecológica, entre Clements e Tansley anuncia a

passagem para o mundo das políticas de planificação. No entanto, mais do que depreender um valor de oposição entre eles interessou tomá-los a partir das forças que cada noção põe em jogo. Assim, encontraríamos em Arthur Tansley um valor de descontinuidade e difração, ainda que ele tenha se contentado em cantar as glórias da gregariedade e da civilização, e encontraríamos em Frederic Clements, por sua vez, um valor de extensão e naturalidade da lei, testemunhando a unidade do Estado. São essas forças, o embate entre elas, que tanto o pensamento quanto a escrita põem em jogo como um gesto vital, e por isso mesmo político, ampliando, deste modo, uma aventura coletiva...

Percorrendo a profusão de restos o problema que insiste é de que maneira a conversão ecológica produz efeitos de desmobilização política e de capitalização da potência de invenção, ambas igualmente reabsorvidas pelos programas sociais, pelo mercado, pela educação, pela cultura produzindo efeitos de compromisso de um lado, e de outro, bons administradores, que – como disse certa vez Lyotard (1976) – esperam tudo do desenvolvimento (agora sustentável) e de um pouco mais de democracia (agora participativa) e de um pouco mais de instrução sobre as questões sociais (forma contemporânea da catequese); e de que modo, também, essa coisa toda range e estala arrebatando onde e quando menos se espera.

---

Em *O que é a filosofia?* Deleuze e Guattari apontam com precisão que devemos nos servir de uma função, visto o nome próprio de um cientista ser útil “para nos persuadir de que não se trata de percorrer novamente um trajeto já percorrido”<sup>3</sup>. Tentei uma transição simples com a ideia de ecossistema complicado. Tansley contra Tansley, ou como liberar Hume, Lucrécio, Nietzsche e William James – reivindicados por Tansley na formulação da noção de ecossistema, e cuja importância é explicitamente colocada por ele em artigo de 1922 e 1935 – do sistema verticalizado de regulação em que foram aprisionados. Uma transição simples não quer dizer que seja fácil, por isso a decisão de fazê-la através de Lezama Lima e do amplo espectro de um barroco da contra conquista: voz da ilha que enfrenta o que vem sob a forma de continente. Claro que poderia dar um nome a esse procedimento. Se tivesse que fazê-lo chamá-lo-ia Viagem. A importância da viagem para a filosofia, para a arte e a ciência nos lembra de que nunca viajamos do mesmo modo. Bem..., se já tinha ali o esboço de uma trama complicada em que o erro jogava um papel importante, cabia então perguntar que tipo de viagem interessava fazer? Essa sempre foi uma questão para mim, e já estava presente em meu mestrado. Quer dizer, você pode viajar a maneira dos descobridores, dos colonizadores, dos desbravadores, dos fundadores... Toda uma épica. No entanto, se tomamos a perspectiva das ninharias que povoam uma viagem – desde as mudas de árvores transportadas até as digressões e catalogações de que é feita, seus descaminhos, excessos e perdições – pouca importância tem o herói único que atravessa todos os episódios como a pretender conferir-lhes a

---

3 Deleuze, G. e Guattari, F. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2000, p. 162.

unidade da história. Basta ler os *Diários de Colombo* e *De segunda a um ano* de John Cage e ainda *Palmeiras Selvagens* de Faulkner. Todo um experimentalismo em que as coisas não dão errado, mas dão em outra coisa.

---

Da floresta para a cozinha. Muito embora possa parecer que vamos de uma coisa a outra (e de fato vamos), a ideia aqui é retomar uma das linhas que compõem a menor das ecologias. Linha que, arrancada ao conto “Meu tio o Iauaretê” de Guimarães Rosa e “Bestiário” de Julio Cortázar, poderia ser dita aquela por meio da qual se colocam o problema político de comer, e o problema político de escrever. Isto é, a linha pela qual se encadeiam as transformações da escrita com aquelas da comensalidade. Teríamos alguma coisa como comer/escrever *com* alguém e comer/escrever *como* alguém...

O jogo literal e literário esboçado pela menor das ecologias não pressupõe a troca e a reciprocidade – insistentemente impostas pelas práticas ecológicas e ambientais como fundamento e garantia da coesão social, e meio eficaz para conservar tanto a relação Sociedade/Natureza quanto os campos de saber e as categorias, tão caros às ciências –, mas toma a predação como vetor de sociabilidade. A ideia de predação generalizada é, assim, movida por um princípio vital que ignora especificidades (quaisquer), dando relevância ao modo pelo qual a predação configura uma ética, uma ética que concerne também à escrita, embora não somente a ela... Diríamos simplesmente (embora apressadamente): se se deseja caçar; se o que se coloca é a captura, seja sóbrio na linguagem. Se imediatamente nada disso parece fazer algum sentido, basta lembrar de que a caça é um combate que se dá nas duas dimensões: nos corpos e na linguagem. A palavra é caça. É sobre essa linha que atravessa a floresta (de Guimarães Rosa, de Le Clézio, de Derby e Hartt, de Loeffgren e Von Lhering, de Thoreau, de Thevet, de Van Kessel, Post, Eckhout, de Léry, Staden e Theodore de Bry...) e a cozinha (de Julio Cortázar em “Bestiário” e “Casa Tomada”, dos Tupinambás, de Aristóteles, e mais uma vez de Guimarães Rosa em “Meu tio o Iauaretê”...) que se produz a casa, e também a comunidade (como em *Palmeiras Selvagens* de Faulkner e “Investigações de um Cão – de Kafka, e por meio das *syssítia* em Aristóteles, e, ainda, como em “Nelken” de Pina Bausch...) e as gentes da mesma espécie.

---

Produzir uma anti-épica. Uma espécie de argonautica barroco-calimaquiiana em que os muitos nomes e textos que a tripulam, a palavra grafada, o papel fossem a tentativa de agenciar qualidades expressivas num movimento incessante de sublevação. Isso funciona [às vezes não como se gostaria] na repetição de certas construções textuais, de trechos e imagens que variam em relação com outros elementos introduzidos, mas também na abertura do caminho para o uso de todo tipo de material, para descrições, para referências, para a elisão destas

e daquelas coisas que ali pouca importância tem e, finalmente, para um certo jogo oscilatório, selvagemmente disputado, em relação ao controle da escrita na multiplicação das vozes que intervêm incessantemente no texto. Rotas e derivas. A casa ganha buracos e perde fechados... *Palmeiras Selvagens* de William Faulkner funciona nesse registro de uma anti-épica, porque o sul, para ele, é produzido nesse movimento difratário, como uma espécie de corrente subterrânea. Há uma anti-épica em Nietzsche, e também em Deleuze e Guattari e nos quantos operam a montagem e o funcionamento dessa Argos. Mas, uma vez posta em funcionamento, há diferentes níveis de combate que se comunicam por sua própria radicalidade; uma espécie de disposição da “tripulação” em discordar em relação a qualquer centro, em enfrentar o comodismo estéril e esterilizante que acompanha a vontade de uma casa bem arrumada, vontade que se faz também acompanhar da mais espantosa mediocridade: aquela que caracteriza o habitante *standard* de qualquer lugar. De certa maneira Kafka já o sabia...

---

Essa ideia da predação generalizada e de sua relação com a comensalidade encontra-se em Viveiros de Castro e em Carlos Fausto. Há evidentemente uma torção quando as tomo em proveito da menor das ecologias. Uma torção para a qual me valho de Deleuze e Guattari e que, de modo algum, os destitui dos problemas que os movem. Tratava-se simplesmente de pensar a predação não como ação pontual num campo específico (a prática Tupinambá e Araweté/o campo antropológico), mas como uma prática produtiva que ignora campos. Não fosse assim, seríamos forçados a aceitar que, em se tratando de ecologia, somos todos de saída conservadores, afeitos às hierarquias, às conciliações conformistas e reativas, preservando condições e agentes como fatores e princípios sobre um horizonte abrangente de ação política e mudança social, marcado por transições que visam domesticar toda forma de antagonismo. Esta espécie de platitudo melancólica, cuja imagem nos reenvia às pradarias (palco das teorias da sucessão na ecologia), pauta-se num movimento homogêneo e unificador de conquista e expansão.

Por outro lado, encerrar a ecologia no estudo da organização dos corpos é admitir a existência de uma única ecologia, aquela a quem cabe não somente regular processos, mas a formular todos os problemas em termos de regulação – daí não somente a noção de ecossistema corresponder ao último nível de integração, mas coincidir, em seu fechamento, com a claustrofobia do presente. Em relação com este arranjo, o clamor pela salvação amplifica toda sorte de atavismos nos arrastando, aí sim, numa sorte de épica que se ajusta perfeitamente aos valores de nosso tempo: a salvação, movida pelo perigo cotidianamente destilado, encontra na segurança sua medida e no inimigo, seja ele qual for, sua desmedida...

---

O inimigo é qualquer modo de existência, qualquer vida que escape a unidade tautológica da reprodução sistêmica, que assinala a convergência entre conservacionismo e conservadorismo. O inimigo, aí, deve ser produzido à vista de todos (já o tinha bem assinalado Aristóteles) e seu aniquilamento deve ser continuamente praticado de modo a que ele não pare de vir adiante... Todavia, se entre os Araweté o inimigo vem adiante, depois de findo o combate, em que o guerreiro o mata, cabe ao inimigo um lugar posterior. Longe de querer dizer que posterior é “de pouca importância”, quero acentuar que o inimigo se posta imediatamente às costas do guerreiro e, assim, colado a ele, formando um tipo de associação colaborativa, sopra as palavras de uma música futura.<sup>4</sup> É preciso ressaltar, no entanto, que as palavras não são mais importantes do que aquilo que distingue o guerreiro, tomado por empréstimo à antropologia; lembrando que o que nos torna guerreiros não é necessariamente a belicosidade ou a eficácia... Então peguei, aqui, o guerreiro Araweté, mas poderia ser o cavaleiro da triste figura, o homem que se foi na jangada rio a fora e ainda o moleque decidido a morar sobre as árvores..., pouco importa. Qualquer um deles é aquele que decidiu separar sua sorte da nossa (não que sua sorte fosse melhor ou indiferente a nossa), isto é, decidiu jogar com aquilo que se sente.

.....

Digamos que, do ponto de vista das noções ecológicas, a platitudo burocrática das cidades recobre a platitudo melancólica das pradarias pelo investimento no encadeamento consciente de ações destinadas à transformação sistêmica. Essa épica revolucionária, que visa edificar uma coletividade baseada numa consciência reguladora, é inseparável dos conjuntos de inversões que capitalizam toda forma de sublevação em nome de reformas que incidem sobre os ritmos singulares, submetendo-os às coordenadas sistêmicas como unidade de cálculo. A escolha é aí o que interessa, e é em relação a ela que qualquer hesitação, titubeio assinala um desacordo com o tempo. A escolha privilegia os nós de circulação, operando com as mesmas coordenadas que a garante: aumento de flexibilidade e redução de atrito por meio da regulação da diferença; já as últimas – a hesitação, o titubeio – o fazem sobre a própria máquina de produção, intensificando a diferença pela passagem de subcomponentes e vetores afetivos. Para a primeira, a casa é desde sempre refúgio, ao passo que, para a segunda, a casa é desde já combate. Fica evidente que a escolha entre eles não se coloca, porque não se trata de “uma questão de escolha” – fórmula genérica com a qual se procura produzir o cidadão, igualmente genérico, que convém à democracia liberal e à ecologia que ela supõe –, sequer um exclui o outro; trata-se sim de qual começo nos damos, e me parece que, do ponto de vista do pensamento, começar pelo combate põe em jogo os modelos epifânicos que apostam em reservas de esperança contra a catástrofe final...

.....

<sup>4</sup> cf. Castro, E. B. V. Imanência do inimigo. In: \_\_\_\_\_. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2002, p. 274–275.

Jogo e perigo. Nenhuma certeza imediata. Inegavelmente há uma tonalidade nietzschiana nessa argonautica em que séries de apostas se atravessam marcadas pelos estilos de navegação dos quais me valho para montá-la: aquele de Colombo, aquele de *Maluco: Romance dos Descobridores* de Napoléon Baccino Ponce de León, aquele insinuado aqui e ali, por Jorge de Lima em *Sonetos de Orfeu* e finalmente aquele das crianças de Guimarães Rosa, que o nomeiam o audaz navegante... Há ainda um jogo digressivo com o signo Argo que assina a construção: uma sinonímia que encontramos em Aristóteles, uma espécie nomeada por Lineu em 1758... . Cabia extrair o máximo de consequências desse arranjo digressivo cujo humor condizia com uma disposição da escrita e do pensamento. Quero dizer com isso que me interessava em todos estes estilos não uma flexibilidade, mas uma certa labilidade que os distingue, de maneira que, por mais que se quisesse, a construção nunca estaria acabada. Uma vez iniciada a viagem, mesmo tendo sido encerrado o texto, se percebe que a tensão que os atravessa mal começou... Evidentemente há todo tipo de embarcação segundo as rotas que se quer traçar. Por que não, então, construir uma segundo as derivas que sobrevém? Seria preciso uma espécie de fragilidade desengonçada, de instabilidade que me agrada especialmente nesse arranjo labiríntico de estilos, e que nada tem a ver com impotência ou derrisão... Se sobre as ondas só há onda é preciso que haja ainda um céu convulso, que com certeza não é o céu de Platão, mas um céu barroco... .

---

Todavia, se o que se pretende é ganhar para o discurso novos campos intelectuais, o uso dos esquemas orgânicos no plano conceitual mostra toda sua eficácia. Não porque permitam a formulação de novos problemas, como afirma Judith Schlanger, mas porque garantem que os únicos problemas a serem colocados são aqueles que tomam o indivíduo constituído como a realidade fundamental e a integração como fator determinante. Trata-se sem dúvida de uma analogia frouxa, mas desprezá-la seria ignorar sua eficácia na administração política da segregação como uma tendência da ecologia nos anos 1950, tendência que não desapareceu, mas que funciona na dimensão de uma diferença regulada.

A prática recorrente de utilizar as noções desprovendo-as do problema ao qual respondem tem o único e duvidoso mérito de reduzir as criações da ciência a balburdia do senso comum. Aí a ecologia é somente mais uma boa mocinha convertida aos prazeres insípidos de um diabo bem comportado que não desvia e não produz desvio... Definir a ecologia simplesmente como ciência das relações, dos processos é omitir precisamente o problema em relação ao qual ela se coloca, isto é, aquele de *como regular* os processos.

Ao tentar recolocar o problema desde a botânica, ao longo dos anos 1920 e 30 – quando os níveis hierárquicos na ecologia não haviam sido definidos, e, com eles, a burocratização da pesquisa e a planificação centralizada das ciências – Arthur Tansley concebe uma noção que, por prescindir de uma lei de desenvolvimento, não pressupõe a integração ou a concordância entre as partes. Porém, na medida em que a noção de ecossistema experimenta restrições para poder operar num

modelo hierarquizado de integração crescente, a ideia de gestão das transições ecossistêmicas passa a prevalecer requerendo, portanto, necessariamente, instituições políticas transicionais, e recrudescimento das hierarquias – ambas igualmente inseparáveis de mercados transicionais e da gestão das sequências sucessivas da existência, numa sorte de compromisso com aquilo que as produziu. Assim, a eficácia das transições ecossistêmicas reside em transições socialmente válidas. Que o neoconservadorismo seja uma expressão do conservacionismo é precisamente o que nos força a sair do campo ecológico das alternativas.

.....

Qual a nossa sorte? O mar é um desafio extremo para o pensamento e talvez uma das mais belas imagens em relação a qual a filosofia, a arte e a ciência se colocaram: espaço vago cujas distâncias se confundem com o céu... Sobre as ondas tudo é onda. Ir de encontro ao perigo ou ir de encontro às certezas... São modos muito diferentes de pensar o limite e de colocar o pensamento em relação com o ilimitado. O mar de Platão, de Hegel. O mar proibido de Kant que nos obriga a contornar a ilha intelectualmente já que somente os poetas voam... O mar de Nietzsche ao qual é preciso se lançar com alegria e sem demora: desafiar as ondas, não temer as derivas, pois há mais de um mundo para descobrir... Qual a nossa sorte? De que modo percorremos a Terra? De que modo viajamos? Qual nau para qual viagem? A viagem interessa como esse jogo – esse procedimento por meio do qual, teimosamente, nos separamos de nós mesmos e das verdades derradeiras que nos ancoram e ao pensamento, para sustentar a força de uma deriva. [Como diz Lezama Lima, “el viaje es el paseo del deseoso”. “Deseoso”, dirá ele em poema de 1942, “es aquel que huye”...<sup>5</sup>. Fugir é enfrentar a argamassa de vozes contra a qual toda ideia prefere se lançar ao mar...]

Nós, os alucinados, sedentos, embriagados! Nós, os temulentos! – diria Guimarães Rosa. Porque é preciso uma dose disso na escrita e no pensamento. Uma dose desmesurada de vida para uma a-ventura, aquela que não se quer exaltação sob a bandeira do heroísmo, nenhuma glória aos navegantes, nenhum grande feito, nenhuma harmonia para redimir as misérias de nossa época. Uma argonáutica de embriagados, elidindo as rotas que condicionam, também, a experiência textual. E aí, é preciso estar atento às perguntas de um Colombo delirante em busca do continente, um Colombo que nada reconhece e do qual nos habituamos a reter, apenas, o vaticínio sobre uma imensidão selvagem e não o combate em face de uma condição selvagem sem a qual o conhecimento nos verga e a vida sob a soberania intelectual.

.....

Cedemos muito a ecologia ao supor que comunidade e organismo são, tão somente, analogias das quais a ela se vale para produzir “uma imagem coerente dos conjuntos de que ela estuda a organização”<sup>6</sup>, pois, ao reivindicar uma teoria

<sup>5</sup> O poema “Llamado del deseoso” data de 1942 e consta das *Obras Completas*, em dois volumes, publicadas em 1977–78 pela editora Aguilar, de Madri. Pode, também, ser encontrado na excelente tradução de Jocely Vianna Baptista disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/arte/PopBox/neobarrocos.htm>>.

<sup>6</sup> Drouin, J.–M. Drouin. *L'Ecologie et son histoire*. Paris: Flammarion, 1993, p.145.

global dos sistemas organizados, ela atesta sua aliança com “as forças de repressão que sempre tiveram necessidade de Eus atribuíveis, de indivíduos determinados, sobre os quais elas pudessem se exercer”<sup>7</sup>. Mas também, contentamo-nos com muito pouco ao conservar a estabilidade do campo ecológico, já que seu lastro político é a imagem do organismo e do indivíduo como agentes soberanos ou objeto de decisão. Razão pela qual, seu desdobramento permanece aquele de um todo que regula a interação de suas partes discretas, e que Tansley apontava como sendo a emulação da ideia de “uma sociedade humana cujo glamour refletido cai sobre todos os menos exaltados”<sup>8</sup>. A casa, então, se reduz ao mero bem-habitar como realização da lei...

.....

Como disse antes, há uma série de apostas que se atravessam. E nenhuma é mais importante do que a outra, pois todas dizem respeito à nossa sorte – entendida como uma orientação inalterável em direção a um estado final que supostamente suplantaria toda eventualidade –, e a como decidimos separarmos-nos dela [não sem humor e alguma destreza, quando os conseguimos...]. Por que “a menor das ecologias”? Há uma espécie de vertigem nessa imagem que, por mais que se tente, nunca chega a se formar, escapando dela mesma. Alguma coisa nos toca, mas o que nos toca foge de qualquer imagem na qual pudéssemos aprisioná-la, então vamos ao encaicho. Parece-me que, ao final, a viagem é isso: estar ao encaicho, seguir de perto. Não paramos, então, de seguir, pegando aqui e ali o que chama a atenção, os restos de que nos valemos. Escrever *como* e *com* aquilo que se espreita, *como* e *com* aquilo que se segue é um meio de desertar da milícia da sociedade, e esse movimento encontra com aquele a que se denomina revolta ou rebelião. Nele e por ele produzimos nossas alianças, pois há mais de um modo de percorrer a linha que nos atravessa e a casa e ao jardim e a floresta... Uma linha flutuante. O que mais posso dizer? Digamos então que haja uma casa e um jardim, digamos ainda que há neles, também, uma zona de penumbra que não é composta de fatos e entidades classificáveis e discretas... Alguma coisa como o incalculável da casa, do jardim que nos permite pensar a menor inclinação de uma folha como uma espécie de vertigem que sobrevém... Tomados nessa vertigem encontramos um ponto sobre o qual pousamos nossos olhos. Estamos já fora de toda queda e toda ascensão. Sobre essa linha flutuante, nossa circunstância comum é a de que nada decidimos *sobre* a Terra, mas *com* ela...

[... nada senão o esboço de um esboço]

\* Ana Godoy é doutora em Ciências Sociais, pós-graduanda na Faculdade de Educação da Unicamp e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Anarquistas (GEPAn) da UFPB. Trabalha com acompanhamento de escrita e é autora do livro *A menor das ecologias*.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 145

<sup>8</sup> Tansley, A. The Use and Abuse of Vegetational Concepts and Terms. *Ecology*, vol. 16, n. 3., Jul., 1935, p. 299.

